Matéria

Rotatividade

Rei do Mate, 5 à Sec, Dicico e Ri Happy enfrentam obstáculos para manter funcionários

Cintia Esteves
cesteves@brasileconomico.com.br

Com salários baixos e expediente aos finais de semana, nunca foi tarefa fácil reter mão de obra no varejo. Mas com a expansão acelerada das redes — já se fala em falta de shoppings para a quantidade de lojas que as empresas pretendem abrir — a situação piorou. Para não perder funcionários para a concorrência, as empresas investem em capacitação. Nas 12 lojas da 5 à Sec do empresário Marcos Toledo é comum que funcionários deixem a empresa para, segundo ele, ganhar menos e trabalhar mais. "Aqui, alguns funcionários sentem que trabalham em uma simples lavanderia. Então eles vão para o shopping center onde, muitas vezes, o salário é menor e a carga horária é maior", afirma Toledo.

"Eles acham que o shopping tem mais glamour, apesar de precisarem trabalhar aos finais de semana", diz. Para driblar o problema, o empresário pretende vender uma imagem me-

alta é desafio para redes de varejo

lhor da empresa durante os treinamento. “Meu funcionário tem que perceber que ele não trabalha em uma lavanderia comum e, sim, em uma multinacional francesa”, afirma.

Parte desta dificuldade em reter mão de obra qualificada deve ser resolvida com a inauguração do centro de treinamento da Associação Brasileira de Limpeza a Seco (Abraseco). “O nível de mão de obra encontrado no mercado é muito básico e não atende mais as nossas expectativas. Os cursos da Abraseco serão bancados por nós, os associados”, diz. Nos shopping centers, a dificuldade em segurar o funcionário é a mesma. Por esta razão, o treinamento dos colaboradores também virou prioridade no Rei do Mate. Há dois anos, a empresa fornecia apenas cursos semestrais para treinar a mão de obra dos lojistas. “Agora atendemos de acordo com a demanda. Os cursos semanais viraram rotina”, afirma João Baptista, diretor de franquias do Rei do Mate.

> “O nível de mão de obra encontrado no mercado é muito básico e não atende mais às nossas expectativas
>
> **Marcos Toledo,** franqueado da 5 à Sec

Sem garantias

Mesmo com treinamento, o varejista ainda corre riscos. Na Dicico, especializada em materiais para construção, cerca de 3% dos 3 mil funcionários da rede deixam a empresa mensalmente. “O treinamento dura 60 dias, só então o funcionário recebe a senha do sistema para começar a trabalhar. Mas em muitos casos, ele nem começa o trabalho e já pede demissão”, afirma Dimitrios Markakis, presidente da Dicico.

Nas lojas da rede localizadas no litoral paulista, a situação é ainda mais complicada. “No verão, tem gente que não vai trabalhar aos finais de semana para vender bebida na praia”, afirma o empresário. Além de disputar mão de obra com o próprio varejo, a Dicico também perde algumas pessoas para escritórios de profissionais liberais, onde não costuma haver expediente aos final de semana.

Ricardo Sayon, presidente da Ri Happy, varejista de brinquedos, disse em entrevista recente ao Brasil Econômico que a empresa mudou seu formato de contratações em função das dificuldades em encontrar pessoal. Há dois anos, a varejista contratava apenas quem estivesse desempregado. Agora, esta regra não existe mais, devido à dificuldade em encontrar mão de obra. ■

Fonte: Brasil Econômico, São Paulo, 9 set. 2010, Primeiro Caderno, p. 4-5.

A utilização deste material é restrita aos cursos educacionais